

MODAS E MODOS: AS MULHERES NO JORNAL DAS MOÇAS.

(RIO DE JANEIRO, 1950 A 1955).

MARIA MARLEIDE MORAIS CARLOS

UFCG

marleide0425@gmail.com

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ROSEMERE O. DE SANTANA

UFCG

rosemere.santana@hotmail.com

RESUMO

O Jornal das Moças foi uma revista feminina do século XX e que circulou no Brasil até 1961 propagando conteúdos para o mundo feminino e ressaltava um modelo ideal de mulher. Este artigo tem por objetivo analisar a figura do feminino a partir da revista Jornal das Moças, que circulou na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1914 a 1961 e nas principais capitais do país. Para este trabalho iremos analisar o Jornal das Moças na primeira metade dos anos 1950 período este marcado por mudanças nas práticas e costumes dos brasileiros, tendo como aporte teórico o estudo das representações, com base nos estudos de Roger Chartier que trabalha as representações a partir do lugar social de cada sujeito. Partindo disso busco problematizar como esse periódico irá contribuir para a manutenção de um modelo ideal de mulher “perfeita”, uma vez que direto ou indiretamente foi um dos responsáveis por propagar esse ideal de mulher.

Palavras chaves: representações, feminino, anos 50.

INTRODUÇÃO

No início do século XX as revistas femininas tinham grande importância para a educação da mulher, através das mesmas era vinculado um modelo de comportamento que as mulheres deveriam seguir, esse tipo de periódico foi muito propagado no Brasil e em outros países como França e Estados Unidos, nas revistas eram vinculados matérias relacionadas ao dia a dia da mulher; temas como culinária, moda, maquiagem, higiene pessoal, etc.

Tudo o que deveriam ler e conseqüentemente como falar em seu meio, ou seja, os modos de ser e viver dentro do mundo feminino, acabava se tornando uma construção midiática e que era seguido por muitas mulheres, esses periódicos tiveram propagação em todo o país, desde das capitais até os sertões.

A presente pesquisa analisa as representações femininas a partir da “moda e modos” apresentados na Revista *Jornal das Moças* nos anos de 1950 a 1955 na cidade do

Rio de Janeiro, o contexto social dessa época é de grande importância para a historiografia brasileira, pois é nesse período que o país passa por muitas mudanças, dentre elas as transformações comportamentais e estruturais, as mudanças comportamentais são às novas influências vindas de outros países como a França que ditou por muito tempo a moda no Brasil, assim como a educação do corpo por meio da mídia, enquanto que as transformações estruturais é a forma como nosso país, passará a se organizar diante da nova estrutura estabelecida.

A moda sendo um espaço amplo, e que merece destaque por contribuir para a construção do “modo de vestir, como demonstração de poder e status, transformou a roupa num símbolo de comunicação, contendo palavras e signos próprios”. (ANDRZEJEWSKI, 2012), corroborando com Andrzejewski percebemos que a roupa carrega consigo esse simbolismo, assim como o peso da historicidade de uma determinada época e dos lugares sociais que são formados nela.

Buscamos analisar como a Revista *Jornal das Moças* tratava essas mudanças em seus exemplares, já que embora fosse uma revista ilustrativa, não deixa de ter uma intenção, pois o documento mostra sempre uma mensagem pra seu leitor direto ou indiretamente. Nesse sentido, nosso principal espaço de pesquisa será a revista, assim, buscarei dialogar com alguns estudiosos como Roger Chartier (1990), Nukácia Meyre Araújo de Almeida (2008), Liana Pereira Borba dos Santos (2011), dentre outros, que trabalham com a temática da pesquisa em questão.

O “Jornal das Moças” circulou no Brasil de maio de 1914 a dezembro de 1961, a mesma era um periódico semanal e circulava nas quartas-feiras, era produzido na cidade do Rio de Janeiro/ RJ, pela Editora Menezes, filho & C. Ltda do Rio de Janeiro de propriedade de Álvaro Menezes diretor e redator e Agostinho Menezes diretor responsável, e tinha como slogan “Jornal das moças - A revista de maior penetração no lar” fazia jus ao slogan, pois “Suas tiragens eram publicadas com distribuição por todo território nacional cobrindo assim as capitais e o interior”. (SILVA/ SANTOS, 2013, p. 01).

São aproximadamente 2.422 exemplares da revista disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, no site: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>, produzindo uma extensa quantidade de exemplares quando ativa no mercado editorial. A metodologia aplicada nesse artigo será análise da revista dando foco na coluna “Troças & Traços” entre os anos de 1950 a 1955, discussões de textos e análises bibliográficas,

fizemos esse recorte pois é nesse período que o Brasil vive um período de muitas transformações, usaremos alguns exemplares desses anos citados.

As mudanças estão tanto nos hábitos quanto nos costumes, dar-se também início a um período de modernização e avanços tecnológicos assim como culturais e comportamentais que não deixam de intervir no mundo feminino. E nesse contexto busco problematizar como será apresentada a representação feminina nesse periódico, e a partir dessas mudanças e com as influências vindas de fora do Brasil, pensar também como a revista lidará com essa modernidade. A Revista *Jornal das Moças* buscava levar a sua leitora de tudo um pouco: Modos, Culinária, Moda, Poesia, Horóscopo, Novela dentre outros assuntos, ou seja, uma revista feminina do início do século XX.

Tais revistas procuravam deixar suas leitoras informadas sobre todas as mudanças no mundo feminino, assuntos que seriam interessantes elas saberem, não o que poderia está realmente acontecendo no país, pois a revista tinha um público alvo. A mesma desempenhava um papel de “ditador de comportamento social, familiar e religioso reforçando o papel idealizado ou esperado da sociedade com relação ao papel da mulher que mudava conforme a passagem das décadas” (SILVA/ SANTOS, 2013, p. 01).

Nesse período meados dos anos 1950 aparecerá uma figura de grande destaque no Brasil - Juscelino Kubitschek ¹⁴³ com seu plano de metas para a modernização do país, a partir das transformações ocorridas haverá uma formação de representações feminina do que seria a mulher moderna em meio a tantas inovações vindas de fora, isso não só na moda, mas também para o lar já que surgirão as novas tecnologias que contribuirá para uma mudança de comportamentos.

Estudar as representações feminina na primeira metade década de 1950, possibilita uma nova forma de ver o feminino ocorrida a partir das transformações tanto na mente como nos comportamentos, os modos seguidos por elas a partir dessas mudanças nos ajudam a entender como era o cotidiano e onde estavam aquelas leitoras do *Jornal das Moças*, buscando entender as formas de educação da mulher e como se forma o estereótipo da “mulher perfeita” imagem que era formulada pela mídia época.

¹⁴³ Juscelino Kubitschek de Oliveira foi um médico, oficial da Polícia Militar mineira e político brasileiro que ocupou a Presidência da República entre 1956 e 1961.

APRESENTANDO O JORNAL DAS MOÇAS

O Jornal das Moças foi uma revista fundada no Rio de Janeiro e que entrou em circulação no ano de 1914 circulando até o ano de 1965, era uma revista semanal e circulou principalmente nas capitais do país e em algumas cidades do interior. A distribuição da revista era realizada em todo o Brasil, incluindo estados como Acre, Amazonas, Alagoas, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Santa Catarina, Rio grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, entre outros. (ALMEIDA, 2008, p. 05).

Sua fabricação era realizada pela Empresa Jornal das Moças – Menezes, Filho & C. Ltda e dirigida por Álvaro Menezes (diretor e redator) e Agostinho Menezes (diretor e responsável), a revista chegava nos correios das cidades para seus assinantes. No artigo “O Jornal das Moças: uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 & sua passagem por Pelotas nas décadas” é apresentado o conteúdo contido na revista.

O jornal das Moças não era somente um meio de entretenimento ou um passatempo, com frivolidades para as jovens moças e as donas de casa. Também era um caderno periódico informativo, com dicas sobre moda e com as últimas tendências parisienses, dicas de beleza, artes como a poesia e a pintura, curiosidades, propagandas de produtos dos mais variados de lingerie, produtos de limpeza, utensílios domésticos, receitas gastronômicas. E, principalmente, era um ditador de comportamento social, familiar e religioso, reforçando o papel idealizado ou esperado da sociedade com relação ao papel da mulher, o qual mudava conforme a passagem das décadas, repaginando-a ou mantendo-a em um padrão desejado pelo estado, sociedade e meios de comunicação. (DOS SANTOS SOARES, Diego; DA SILVA, Ursula Rosa. 2013).

Nesse sentido e a partir do que Santos e Silva nos traz podemos perceber que o *Jornal das Moças* tinha dois públicos alvos as “as jovens moças e as donas de casa” elas estão inseridas em um mesmo mundo porém em contextos totalmente distintos. Podemos tecer dois aspectos nesse âmbito quem eram as moças e as donas de casa do início do século XX?

A moça no século XX era a futura dona de casa, aquela que estava sob a proteção dos pais, sendo educada para o casamento e para ser aquela mulher perfeita que todo homem desejava. Na própria educação das meninas demonstram que havia uma modelagem para no futuro aquela menina ser a futura esposa, seria aquela que iria cuidar da casa, dos filhos e do marido, aquela que estaria sempre pronta para atender os pedidos dos mesmos, esse modelo era transparecido nos manuais de comportamento e nas revistas femininas.

Por outro lado aquela no entanto que saísse dos padrões estabelecidos pela sociedade era vista como a “diferente”, seria assim excluída daquele ciclo, pois não haveria lugar pra ela, o “novo” era revestido por uma resistência social. Nesse aspecto acabavam sendo refém dos papéis sociais que são criados pela comunidade, através de discursos que objetivam uma disciplinarização dos sujeitos, você é condicionado a seguir um determinado padrão e quando não o segue é simplesmente excluído, como nos mostra Chartier, 1990:

“... as práticas contrastantes devem ser entendidas como, concorrências, que as suas diferenças são organizadas pelas estratégias de distinção ou de imitação e que os empregos diversos dos mesmos bens culturais se enraízam nas disposições do *hábitos* de cada grupo” (Chartier, 1990, p. 137).

Os papéis sociais vão sendo construídos de acordo com o lugar social e esses lugares demonstram quem fala. Assim sendo a revista carrega uma intencionalidade, nela encontravam-se colunas com assuntos sobre decoração do lar, culinária, noções de higiene, dicas de conquista afetiva, felicidade conjugal, manutenção do casamento, moda, além de fotos da alta sociedade fluminense e hollywoodiana. Percebemos assim, que essas revistas desenvolveram um papel importante na vida dessa mulher moderna, com isso podemos identificar alguns aspectos dessas leitoras, buscando a partir de seus lugares sociais traçar possibilidades para entender as representações que são mostradas delas por meio da revista.

A moda por exemplo desenvolve um papel social muito importante, a de propagar o ideal da mulher perfeita, quando refiro a moda não é somente com relação ao vestuário, mas no sentido de tendência, “coisas novas”. As propagandas que aparecem na revista nos ajudam a entender esse ideal de boa esposa, colocando a mesma como responsável pela boa condução do casamento e do lar, agindo dessa forma a revista também faz uma educação do corpo propiciando a seguir padrões de beleza estabelecidos pela sociedade, como também maneiras de se comportar tanto em público e no privado.

AS TROÇAS & TRAÇOS DENTRO DO JORNAL DAS MOÇAS

A revista *Jornal das Moças* tem um vasto conteúdo a ser problematizado, em uma de suas colunas a *Troças & Traços* nela é publicado conteúdo de forma livre, tanto no que se refere a identificação quanto aos conteúdos, na mesma podemos identificar conteúdos de caráter muitas vezes machista com um tom cômico em sua escrita, apresenta ainda

histórias em quadrinho além de pequenos contos românticos apresentados de forma sarcástica e alguns conteúdos filosóficos.

A maioria dos contos possui um tema e são de acordo com o que será tratado na história, possui também imagens que estão relacionados ao enredo. Na análise da coluna percebi a presença de um discurso que inferioriza a mulher, através das pequenas histórias que a revista traz. Na sequência analisamos algumas das histórias que são apresentadas na revista, e para isso utilizo cinco edições da revista sendo 4 edições do ano de 1950 e uma edição do ano de 1952, as análises seguem a seguir.

A primeira edição que destaco é a de nº 1805 de 19 de Janeiro de 1950 nessa edição um historinha chamou a atenção. *“Ela - agora mesmo um cego a quem dei uma esmola me disse: - obrigado, minha bela senhora. Ele – eu tinha minhas dúvidas sobre a cegueira dele, mas agora vejo que é cego mesmo”*. Nesse fragmento a entonação com que o homem fala da mulher é uma forma de humilhação dele para com ela, o conceito de feio e bonito deve ser compreendido de forma relativa. A forma como o deficiente visual fala com a mulher é uma demonstração de respeito, porém na história é usado tendo outro sentido, a mulher assim é colocada como inferior ao homem.

Na mesma coluna destacamos também outro fragmento que diz: *Ele- “Antonieta, este céu azul, este sol, não te faz lembrar alguma coisa? Ela – Sim. Um magnífico dia para estender roupa no varal”*. Aqui busca-se mostrar como o lugar da mulher é definido e limitado, papel esse que se resume as tarefas domésticas e que em seu universo não existe lugar para o lazer, esse ideal de mulher é bem propagado na mídia da época. Esse discurso de tanto ser reproduzido acaba internalizando muitas vezes na mulher, está se deixa levar por essa ideologia que mulher perfeita é aquela que está sempre pronta para seu esposo e que não tem o direito de questiona-lo.

A segunda edição nº 1808 de 09 de Fevereiro de 1950, frisamos a seguinte citação. *“Ela¹ - Que tal o teu casamento? Ela² - No começo foi um poema, depois um romance, e, agora uma tragédia”*. Esse diálogo se dá entre duas mulheres, falando entre si do casamento, percebemos pelas falas que o mesmo é construído de fases, no qual a maioria dos casais passam em suas relações, mas o que chama atenção é como essas questões são expostas no jornal, já que a instituição do matrimônio é tida como sagrada, principalmente nesse momento, temas desse sentido eram tabus, falar que o casamento não é esse mar de

rosas que todos pesavam, seria mais complicado apresentar esse assunto principalmente nesse meio de comunicação que circularia em muitos lares.

Na edição de nº 1825 de 08 de Junho de 1950 é ressaltado o determinado fragmento sob o título “Teria ido mesmo as nuvens”: *A senhora La Sege, a primeira mulher inglesa que subiu em um balão, quase chegou a arruinar sua reputação por causa da aludida façanha, devido haver permanecido nas nuvens com um homem por espaço de uma hora.* A mulher aqui é apresentada como aquela que deveria seguir modelos estabelecidos pela sociedade e que eram reproduzidos pelos meios a sua volta, aquela que não caminhasse nesse sentido seria vista como um olhar diferenciado, muitas vezes sendo excluída e tachada como o oposto da verdadeira mulher, aquela que seria condicionada e limitada ao marido, filho e casa.

Percebemos no trecho acima citado, a *Le Sege* foi vista com olhares preconceituoso pelo fato de ser a primeira mulher a andar de balão e ficar um pouco mais de uma hora na companhia de um homem, pela própria escrita do texto que não possui identificação. Há um tom de ironia e desconfiança no próprio título “*Teria ido mesmo as nuvens*”, deixando plantada uma dúvida da real intenção da mulher e do seu companheiro de voo, quando fala da reputação ao realizar o esporte, denotando que as aparências conta muito nessa sociedade, aquilo que é projetado ganha muito mais valor sobre aquilo que realmente é, no discorrer do texto percebemos isso, a reputação dela foi colocada em conta no momento em que ela decide subir no balão na companhia masculina.

Vivemos até hoje nessa sociedade do aparentemente correto, sem olhar a fundo o outro para tecer conclusões, chegando a julgar algo que nem se conhece. A mídia tem esse poder de comunicação que acaba fazendo essas criações de lugares sociais tanto para o homem quanto para a mulher, e em nome da moral e dos bons costumes são propagados esses dois projetos distintos e que não podem ser compartilhados pois teria uma inversão de papéis que a sociedade não admite.

Por fim a quarta edição de nº 1834 de 10 de Agosto de 1950, destaco a seguinte história: *Um dia de proverbio “- Por que você está triste? – Casei-me, e, minha sogra quer por força morar conosco. MORAL DA HISTÓRIA: - Uma desgraça nunca vem só”.* A ironia e o tom sarcástico que são mostrados nas histórias dessa coluna nos coloca a refletir sobre quem as escreveu, por se tratar de um espaço livre e suas autorias são mantidas no anonimato, isso pode influenciar na forma e nos conteúdos expostos no texto, fica claro o tom cômico que é usado para referir a esposa e sua mãe, ambas sendo mostradas no

diálogo como algo ruim na vida de um homem. Há uma certa resistência do marido em não querer que a sogra possa morar com eles, é uma questão de privacidade do casal que passa a ser ameaçada pela presença da sogra.

A coluna Troças & Traços está bem presente na revista *Jornal das Moças*, destaquei para esse momento algumas edições do ano de 1950, porém a coluna se faz presente durante toda a década que se segue, seguindo sempre a mesma forma de escrita e sempre ocultando seus autores, introduzindo conteúdos afirmando a posição do homem perante a mulher. Na edição de nº 1916 de 06 de Março de 1992, a coluna apresenta o seguinte relato: “Ela- Não me venha mais fazer queixa de seus amigos! Afinal, você é homem ou não é?” percebemos que a escrita mudou um pouco de foco, em sua grande maioria o tema principal que tinha destaque era a figura feminina, nessa edição apresenta a mulher, ela está mais elevada e o tom de voz também está mudado como nos mostra a seguinte representação retirada da revista *Jornal das Moças*.



Figura 04- Jornal das Moças, 06 de Março de 1992, Nº 1916, p. 06.

Na imagem acima podemos perceber como a questão colocada anteriormente fica representada, a mulher em um tamanho maior que o homem, tendo uma certa autoridade sobre ele observamos isso através do texto, a mesma no diálogo questiona a sua masculinidade. Ele no entanto é representado em uma altura inferior a ela e com um semblante assustado, reconhecendo seu poder. Outro fator que chama atenção na imagem são os aspectos masculinos presentes na imagem da mulher já que em outras imagens que a

revista apresenta, são sempre representadas com traços mais delicados, distintos da imagem acima.

Como afirma Vitorino, 2012:

Olhando ao nosso redor são inúmeras as publicações de revistas, livros, sites dentre outros, direcionados ao público feminino que nos dão dicas de como agir, pensar, viver e como devemos aparentar fisicamente, tudo isso visando suprir a necessidade de incorporação do fenômeno que é a busca de um corpo que se encaixe no ideário de padrão e beleza inventada na sociedade atual. (VITORINO, R. K. C. 2012)

As revistas femininas do início do século XX tem uma pegada propagandista muito forte, inúmeros anúncios são apresentados para que seu público possa seguir, a revista em questão também vai nesse caminho, essa variedade é de grande importância para sua comercialização, pois quanto maior for a diversidade de produtos no periódico, mais atraente será para o público, assim torna quase uma necessidade a busca pela beleza que está ali exposta nas capas das revistas ao alcance de todas, nessa perspectiva a mídia tornou-se uma ferramenta de alcance incalculável na propagação de um modelo feminino, pautado na busca de uma beleza ideal e perfeita.

CONCLUSÃO

“As mudanças no comportamento feminino ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas”. (Maluf, Mott, Novais, 1998), este fragmento do texto “Recônditos do mundo feminino”, nele é mostrado como ocorreram as mudanças na vida das mulheres entre os séculos XIX e XX, assim com a influência da mídia na propagação do que seria a mulher moderna, o *Jornal das Moças* em uma de suas colunas a “Troças & Traços” traz um tema muito importante que deve ser lavado para o debate, com relação a discussão de gênero.

No item anterior foi abordada essa coluna, era um espaço livre, e nesse sentido percebemos uma escrita mais direta, ou seja, o ponto de vista de quem escreve é mais claro, deve-se também ao fato de não ter identificação, mantendo assim em sigilo o autor, não sendo assinado os artigos dessa coluna. Percebemos a ausência da receptividade na comunidade diante de alguns colocações, principalmente com relação a mulher.

Na coluna é apresentada a relação do gênero acompanhado sempre de uma dose de humor, é transparente o discurso patriarcalista, onde o homem é o provedor da família,

aquele que está sempre com a verdade, é o chefe de seu lar. Essa fala é bastante marcante, pois nesse contexto a mulher se torna uma simples sombra de seu esposo, onde a mesma está sempre submissa aos seus caprichos e vontades, aos poucos essa situação irá mudar e a mulher ganhará espaço antes monopolizado pelos homens.

Consequentemente vemos a relação de poder que se encontra dentro desse processo, identificamos essa relação a partir da escrita, nos revelando assim os lugares sociais e as representações de seu público alvo, as revistas femininas eram consumidas por famílias da classe média, já que os produtos que eram publicados tinha um alto valor que não era acessível para todos.

As revistas femininas, por exemplo, no final do século XIX já desempenhavam uma papel de instruir, informar e entreter suas leitoras sobre as novidades do mundo feminino. Mas por outro lado não era todas as tendências que circulavam nesse meio, em nome de uma construção social baseada na ordem, as ilustrações assim como o vestuário propagado será sempre aquele que preze pelo respeito e que não coloque em risco essa ordem já pré-estabelecida pelas instituições.

Logo acima trago a discussão da coluna “Troças & Traços” que nos mostra o discurso de forma sátira que é colocado para a mulher, o anonimato da coluna nos faz refletir que a possibilidade da escrita serem de homens, já que tiveram mais acesso a esses meios, não proponho aqui fazer juízo de valor mas a imagem do homem é sempre colocada como superior a mulher, reafirmando os papéis sociais que são postos por essa sociedade, onde o homem é o provedor e mais inteligente e a mulher mais fraca e pacífica.

A questão do gênero aparece na revista como algo bem dividido, no qual é colocado o papel da mulher e do homem, nos periódicos principalmente nas primeiras revistas femininas, o homem está sempre acima da mulher, ela por sua vez está sempre a sua sombra, mas por outro lado devemos analisar o contexto em que se encontra essas mulheres e esses homens. Nesse caso podemos perceber a relação de poder que está inserida nas transformações que ocorreram nesse momento, homens e mulheres tinham seus papéis marcados, no qual um não poderia intervir no outro, pois haveria assim um desequilíbrio dessa ordem social imposta por determinadas instituições como por exemplo a Igreja.

Esse é um ponto identificado nas revistas femininas, elas nos apresenta os modos e modas vividos pelos sujeitos de determinado contexto, essa fonte nos abre um leque de possibilidades para se trabalhar desde do vestuário, comida, leituras até questões mais complexas como a discussão de gênero. Em Louro, 1997 podemos entender como essas relações sociais são construídas e assim perceber que elas se constitui a partir de um conjunto de práticas, assim ela traz:

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe ... (LOURO, 1997)

No texto a “Emergência do Gênero” Louro vai mostrar como esse lugar do feminino e do masculino são construídos socialmente, ela abordar os fatores biológicos em que a mulher é colocada como uma extensão do homem e esta é “naturalmente” dependente do companheiro até os movimentos “ondas” em que as mulheres lutam por direitos iguais entre os gêneros, todos esses aspectos fazem parte de um discurso que gera símbolos e representações, que por sua vez se perpetuam na sociedade.

Portanto o *Jornal das Moças* foi um importante veículo na propagação desse ideário feminino, aquele de uma mulher perfeita, modelo este que é compartilhado não só pelo *Jornal das Moças*, como também por várias revistas femininas desse período. Mostravam em suas páginas o que era o politicamente correto para a mulher do momento. Utilizado como manual de instruções tanto as jovens solteiras quanto para as senhoras casadas; para as solteiras os conselhos e dicas de como seria um bom casamento e para as casadas como manter o mesmo.

Para esse momento busquei mostrar um pouco da revista, quanto a seus conteúdos e sua estrutura. E como alguns assuntos estão presentes na revista, apresentando a sua variedade de conteúdos dirigidos ao público feminino. Os periódicos no geral são de grande importância para entender o contexto em que essas leitoras estão inseridas e os lugares sociais que vivem.

FONTES DOCUMENTAIS CONSULTADAS E CITADAS:

JORNAL DAS MOÇAS, 19 de Janeiro de 1950, nº 1805. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, 09 de Fevereiro de 1950, nº 1808. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, 08 de Junho de 1950, nº 1825. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, 10 de Agosto de 1950, nº 1834. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

JORNAL DAS MOÇAS, 06 de Março de 1992, nº 1916. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo. **Jornal das Moças: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)**. 2008. Tese de Doutorado. [http://teses. ufc. br](http://teses.ufc.br).

ANDRZEJEWSKI, Luciana. **A moda como história**. Revista Eletrônica do arquivo público do estado de São Paulo, n. 53, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petropolis: 12. Ed. Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger et al. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

DOS SANTOS SOARES, Diego; DA SILVA, Ursula Rosa. O JORNAL DAS MOÇAS: UMA NARRATIVA ILUSTRADA DAS MULHERES DE 30 A 50 & SUA PASSAGEM POR PELOTAS NAS DÉCADAS. **Seminário de História da Arte-Centro de Artes-UFPEL**, n. 3, n.1 2013.

DOS SANTOS, Liana Pereira Borba. **Mulheres e revistas: A dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos**.

DOS SANTOS, Liana Pereira Borba. **SER MÃE, SER MODERNA, SER MULHER: A PROPAGANDA E A DIVULGAÇÃO DE REPRESENTAÇÕES DE MULHER NAS REVISTAS FEMININAS DOS ANOS 1950**.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia; NOVAIS, Fernando A. Recônditos do mundo feminino. In: **República: Da Belle Époque à era do rádio**. Companhia das Letras, 1998. p. 367-421.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, p. 14-56, 1997.

VITORIANO. Renata Kelly Cavalcante. **(Re) vistas a revista: representação feminina no corpo a corpo (1995 -2005)** / Renata Kelly Cavalcante Vitoriano. _ Guarabira: UEPB, 2012.

SITE CONSULTADO:

Hemeroteca Digital Brasileira. Anos 1950 a 1961. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>>. Acesso em 22 de Abril de 2017.